

PMS FMU
BIBLIOTECA

Journal
Pernambuco da Bahia
Data
22/05/06
Caderno
Água Salvador 04
Seção

Assunto
mercado e feira
Feira de São Joaquim

Fotos de Antonio Queirós



Mais de sete mil feirantes exploram cerca de quatro mil boxes num espaço de 60 mil metros quadrados no qual a prefeitura alega não poder fazer grandes intervenções

Sujeira afasta consumidores da Feira de São Joaquim

Falta de esgotamento e drenagem aumenta mau cheiro, alvo de reclamações inclusive dos comerciantes

Camila Vieira

O período chuvoso tem piorado ainda mais a situação dos comerciantes que trabalham nas feiras livres de Salvador, principalmente na de São Joaquim, em Água de Meninos. O lixo espalhado por todos os cantos se junta à água da chuva e atrai cada vez mais insetos. A falta de esgotamento e drenagem, outros dois problemas antigos, impedem que a água escorra, aumentando a sujeira e o mau cheiro. Feirantes se queixam da ausência de espaços cobertos e afirmam que está impossível trabalhar debaixo de chuva. A prefeitura alega que não pode fazer grandes intervenções no local, porque, além de não saber a quem de fato pertence o terreno, um processo tramita na Justiça para decidir se a feira será tombada como patrimônio material pelo Ministério da Cultura. A justificativa é de causar estran-

heza. Um dos primeiros compromissos da prefeitura foi dar conta das inúmeras demandas da Feira de São Joaquim. O Executivo municipal tomou algumas poucas iniciativas, mas está longe de transformar em realidade os compromissos assumidos com feirantes e consumidores durante a visita ao local, em 5 de janeiro de 2005. O secretário de Serviços Públicos, Armando Lessa, afirma que a prefeitura está impossibilitada de fazer grandes transformações na feira em função dos trâmites judiciais. "Primeiro precisamos saber a quem pertence. A feira não é municipal, não é estadual nem particular. É simplesmente um terreno acrescido de Marinha que foi ocupado por feirantes. Hoje, se recebêssemos R\$20 milhões não poderíamos investir no local", explicou Lessa. O secretário afirma que está lutando para conseguir regularizar a situação, mas, enquanto isso, deixa claro que a prefeitura não tem grandes obrigações. "Nenhum feirante

daquele paga R\$1 à prefeitura. Aquele lugar é um problema sério que ao longo do tempo foi empurrado com a barriga", afirmou. Mesmo considerando que o órgão gestor da cidade não tem responsabilidade sobre a Feira de São Joaquim, Lessa diz que a limpeza e iluminação do lugar são feitas pela Sesp. "Mexemos onde pudemos. Se de fato o Ministério da Cultura for mesmo tombar o local como patrimônio material, não poderemos fazer nada por que as características precisam ser mantidas", tenta explicar. A gerente do patrimônio da União na Bahia, Ana Vilas Boas, afirma que, no dia 20 de março, foi assinado pela prefeitura, sindicato dos feirantes, Codeba e Patrimônio da União um termo de cooperação técnica. Segundo ela, o objetivo do documento é a regularização fundiária da Feira de São Joaquim. "O terreno pertence à União, mas estamos trabalhando e discutindo o que é possível ser feito

no local", assegurou. Ela afirma que a União já fez sua parte, que foi demarcar o terreno. "Agora estamos discutindo com os feirantes e órgãos da prefeitura para resolver qual a melhor forma de melhorar o espaço", disse. Na sexta-feira, representantes dos órgãos estiveram reunidos para mais uma discussão. Enquanto a situação não é regularizada, problemas relacionados à higiene e falta de estrutura e segurança vão ganhando proporções cada vez maiores. De nada adianta a presença de alguns contentores de lixo espalhados pelo local. Tem sujeira por todo canto – no meio das ruas, amontoados ao lado e embaixo das barracas de madeira e espalhados em poças fétidas. O presidente do Sindicato dos Feirantes, João Prazeres, afirma que de fato existem processos na Justiça para definir de quem é a responsabilidade sobre a feira, mas considera que a prefeitura não pode se omitir e simplesmente

te dizer que só vai poder tomar providências quando as questões judiciais forem resolvidas. "Precisamos de uma ação emergencial, não podemos mais esperar. A situação está bem mais grave do que no ano passado. Aqui vendemos alimentos, não podemos viver nessa imundície. Temos famílias, idosos e crianças atuando no local", assinalou Prazeres, acrescentando que São Joaquim precisaria ser tratada com mais respeito por fazer parte da história da cidade. Para a funcionária pública aposentada, Marta Ferreira, 68 anos, que vai a São Joaquim todas as sextas-feiras, a situação do local está cada vez pior. "Está sempre imunda, com a chuva então vira um lamaçal de sujeira. Gosto de fazer compra em feiras, nunca gostei de supermercado, mas toda vez que venho é uma briga em casa. Meu marido não suporta esse lugar", diz a aposentada, referindo-se à Feira de São Joaquim.

Instalações elétricas representam perigo

São 7.500 feirantes explorando mais de quatro mil boxes num espaço de 60 mil metros quadrados. Fios emaranhados e retorcidos, ligações antigas e improvisadas compõem as instalações elétricas, que também estão expostas à chuva, representando perigo para os feirantes e fre-

mações e alimentando a eterna esperança de quem aguarda ansioso pelas anunciadas soluções. O secretário da Sesp garantiu que, no próximo domingo, será realizado um mutirão com a participação de vários órgãos da prefeitura. Para muitos comerciantes que trabalham no



Mercado múltiplo a céu aberto

É fato que em São Joaquim se encontra de tudo, e melhor ainda, com preço bem mais em conta. Nas feiras populares é possível achar fumo, folhas, temperos diversos, animais, cachaca, incensos, sal grosso, alim-



Mais de sete mil feirantes exploram cerca de quatro mil boxes num espaço de 60 mil metros quadrados no qual a prefeitura alega não poder fazer grandes intervenções

Sujeira afasta consumidores da Feira de São Joaquim

Falta de esgotamento e drenagem aumenta mau cheiro, alvo de reclamações inclusive dos comerciantes

Camila Vieira

O período chuvoso tem piorado ainda mais a situação dos comerciantes que trabalham nas feiras livres de Salvador, principalmente na de São Joaquim, em Água de Meninos. O lixo espalhado por todos os cantos se junta à água da chuva e atrai cada vez mais insetos. A falta de esgotamento e drenagem, outros dois problemas antigos, impedem que a água escoe, aumentando a sujeira e o mau cheiro. Feirantes se queixam da ausência de espaços cobertos e afirmam que está impossível trabalhar debaixo de chuva. A prefeitura alega que não pode fazer grandes intervenções no local, porque, além de não saber a quem de fato pertence o terreno, um processo tramita na Justiça para decidir se a feira será tombada como patrimônio material pelo Ministério da Cultura.

A justificativa é de causar estran-

heza. Um dos primeiros compromissos da prefeitura foi dar conta das inúmeras demandas da Feira de São Joaquim. O Executivo municipal tomou algumas poucas iniciativas, mas está longe de transformar em realidade os compromissos assumidos com feirantes e consumidores durante a visita ao local, em 5 de janeiro de 2005. O secretário de Serviços Públicos, Armando Lessa, afirma que a prefeitura está impossibilitada de fazer grandes transformações na feira em função dos trâmites judiciais. "Primeiro precisamos saber a quem pertence. A feira não é municipal, não é estadual nem particular. É simplesmente um terreno acrescido de Marinha que foi ocupado por feirantes. Hoje, se recebêssemos R\$20 milhões não poderíamos investir no local", explicou Lessa.

O secretário afirma que está lutando para conseguir regularizar a situação, mas, enquanto isso, deixa claro que a prefeitura não tem grandes obrigações. "Nenhum feirante

daquele paga R\$1 à prefeitura. Aquele lugar é um problema sério que ao longo do tempo foi empurrado com a barriga", afirmou. Mesmo considerando que o órgão gestor da cidade não tem responsabilidade sobre a Feira de São Joaquim, Lessa diz que a limpeza e iluminação do lugar são feitas pela Sesp. "Mexemos onde pudemos. Se de fato o Ministério da Cultura for mesmo tombar o local como patrimônio material, não poderemos fazer nada por que as características precisam ser mantidas", tenta explicar.

A gerente do patrimônio da União na Bahia, Ana Vilas Boas, afirma que, no dia 20 de março, foi assinado pela prefeitura, sindicato dos feirantes, Codeba e Patrimônio da União um termo de cooperação técnica. Segundo ela, o objetivo do documento é a regularização fundiária da Feira de São Joaquim. "O terreno pertence à União, mas estamos trabalhando e discutindo o que é possível ser feito

no local", assegurou. Ela afirma que a União já fez sua parte, que foi demarcar o terreno. "Agora estamos discutindo com os feirantes e órgãos da prefeitura para resolver qual a melhor forma de melhorar o espaço", disse. Na sexta-feira, representantes dos órgãos estiveram reunidos para mais uma discussão.

Enquanto a situação não é regularizada, problemas relacionados à higiene e falta de estrutura e segurança vão ganhando proporções cada vez maiores. De nada adianta a presença de alguns contentores de lixo espalhados pelo local. Tem sujeira por todo canto — no meio das ruas, amontoados ao lado e embaixo das barracas de madeira e espalhados em poças fétidas. O presidente do Sindicato dos Feirantes, João Prazeres, afirma que de fato existem processos na Justiça para definir de quem é a responsabilidade sobre a feira, mas considera que a prefeitura não pode se omitir e simplesmente

te dizer que só vai poder tomar providências quando as questões judiciais forem resolvidas.

"Precisamos de uma ação emergencial, não podemos mais esperar. A situação está bem mais grave do que no ano passado. Aqui vendemos alimentos, não podemos viver nessa imundície. Temos famílias, idosos e crianças atuando no local", assinou Prazeres, acrescentando que São Joaquim precisaria ser tratada com mais respeito por fazer parte da história da cidade. Para a funcionária pública aposentada, Marta Ferreira, 68 anos, que vai a São Joaquim todas as sextas-feiras, a situação do local está cada vez pior. "Está sempre imunda, com a chuva então vira um lamaçal de sujeira. Gosto de fazer compra em feiras, nunca gostei de supermercado, mas toda vez que venho é uma briga em casa. Meu marido não suporta esse lugar", diz a aposentada, referindo-se à Feira de São Joaquim.

Instalações elétricas representam perigo

São 7.500 feirantes explorando mais de quatro mil boxes num espaço de 60 mil metros quadrados. Fios emaranhados e retorcidos, ligações antigas e improvisadas compõem as instalações elétricas, que também estão expostas à chuva, representando perigo para os feirantes e frequentadores do local. Manoel Souza, 58 anos, trabalha vendendo legumes há 30 anos, e afirma que a feira nunca esteve tão abandonada. "Já não sabemos mais o que fazer. Estamos aguardando os órgãos competentes que apenas prometem e nada fazem", disse o comerciante. Os velhos problemas estruturais e de higiene persistem, motivando as reclamações e alimentando a eterna esperança de quem aguarda ansioso pelas anunciadas soluções.

O secretário da Sesp garantiu que, no próximo domingo, será realizado um mutirão com a participação de vários órgãos da prefeitura. Para muitos comerciantes que trabalham no local, os mutirões são medidas paliativas e que não resolvem os problemas diários enfrentados na feira.

Damião Nascimento, 69 anos, trabalha em São Joaquim desde 1981. Na opinião dele, falta um trabalho mais efetivo da prefeitura para resolver de vez o problema. "Não adianta ficar fazendo mutirão, que depois volta tudo de novo", lamenta.

Saveiros traziam produtos

A Feira de São Joaquim teve sua trajetória iniciada com a Feira do Sete, assim chamada porque ficava ao lado do sétimo armazém das Docas. Neste começo, era uma feira móvel. Os produtos que vinham do recôncavo baiano, em saveiros eram os mais diversos: frutas, farinha, rapadura, cerâmica, artesanatos em geral. A prefeitura, na época, controlava para que não se estabelecessem pontos fixos, mas, com o tempo, foi inevitável. A Feira do Sete transformou-se na Água de Meninos, cujo crescimento espontâneo marcou a diversidade das instalações.

Uma das marcas deste período era a afluência dos turistas, atraídos pelas "especiarias" locais. A proximidade do cais (em plena atividade à época) foi, sem dúvida, um estímulo ao crescimento da feira. A cerâmica de diversas partes do recôncavo (Maragojipe e Nazaré das Farinhas, entre outras) em cores e formas di-

versas, testemunhavam a presença africana neste colorido de raças do baiano. Os artesanatos de palha, produtos de umbanda, frutas tropicais compunham o colorido da Feira de Água de Meninos.

Incendiada em 1964, a feira foi transferida "provisoriamente por 30 anos" segundo documentos oficiais, para a enseada de São Joaquim. Como termo de cessão para ocupação da área foi assinado pelas Docas, prefeitura de Salvador e o Sindicato dos Feirantes e Ambulantes da Cidade do Salvador, a administração ficou sob a tutela deste último sem que nenhum documento oficial lhe atribuisse essa prerrogativa. Ao longo do tempo, o sindicato foi perdendo gradativamente o controle que anteriormente exercia, devido a sua incapacidade administrativa, haja visto não ser próprio deste tipo de instituição gerenciar empreendimentos como a Feira de São Joaquim.



Mercado múltiplo a céu aberto

É fato que em São Joaquim se encontra de tudo, e melhor ainda, com preço bem mais em conta. Nas feiras populares é possível achar fumo, folhas, temperos diversos, animais, cachaca, incensos, sal grosso, alimentos e antigos contadores de história que têm sempre uma receita para solução dos seus problemas. "Os políticos esqueceram das feiras, que têm tanta coisa boa para oferecer", declarou a costureira Lurdes Souza, 62 anos, que mora em Água de Meninos e frequenta a feira há mais de 20 anos. Como dona Lurdes, outros amantes do local fecham os olhos para as carências e fazem questão pelo menos uma vez na semana passar por lá.

A publicitária Marcela Ximenes, 36 anos, não abre mão de ir à feira aos domingos pela manhã. Ela conta que adquiriu o hábito com uma empregada doméstica que trabalhou em sua casa há dez anos. "Ela vivia dizendo que as frutas e verduras da feira eram de mais qualidade e com preço mais em conta. Depois que vim a primeira vez nunca mais comprei esses alimentos em supermercados", disse a publicitária, que não deixou de salientar os problemas. "A situação está ruim para os vendedores e também para nós clientes. Realmente não existe a menor higiene na feira. É complicado que um lugar onde se vende comida fique assim tão sujo. Essa é uma realidade antiga e precisa ser mudada", reforçou.

A sujeira que se espalha em vários pontos gera reclamações